

Baker pede mudanças no FMI e agrada devedores

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

Radiofoto AFP



O Secretário Baker folheia um jornal de finanças antes da sessão no FMI

WASHINGTON — As queixas que o Brasil e os demais países em desenvolvimento vêm fazendo desde 1982, quando se solidificou a crise da dívida externa, começaram, enfim, a provocar uma reação efetiva dos países industrializados. Ela se materializou, ontem, no surpreendente discurso do Secretário do Tesouro americano, James Baker III, perante o Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional. Ele solicitou, como já vinham pedindo os endividados, nada menos que uma profunda mudança por parte do FMI.

— O Fundo precisará adaptar suas políticas às circunstâncias e às necessidades de seus membros. O FMI deve dar, em particular, atenção maior às medidas necessárias para promover crescimento a longo prazo e corrigir os desequilíbrios de curto prazo — afirmou Baker.

Suas declarações provocaram sorrisos de satisfação nos delegados dos países em desenvolvimento. O Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, parecia não acreditar no que ouvia:

— Isso é música para meus ouvidos! Esse gesto do Secretário Baker representa um dos maiores progressos alcançados nesse encontro — disse Bresser Pereira.

Para a maior parte dos economistas e Ministros presentes à Reunião Anual do FMI e do Banco Mundial, o

discurso do Secretário do Tesouro tinha um claro significado: ele estava inaugurando a segunda etapa do chamado “Plano Baker” — lançado por ele em 1985, durante a reunião do Fundo, em Seul, na Coreia do Sul.

Criticado desde então, pois na prática não se deu qualquer passo significativo para a sua implementação, o “Plano Baker” ganhou novo alento com as palavras de seu próprio criador. Para James Baker III, as idéias

originais ainda significam o único enfoque viável do problema da dívida.

● **DISCURSO** — O Ministro Bresser Pereira deveria falar sobre os problemas que afetam, de maneira geral, o Grupo dos 24, que reúne 24 países em desenvolvimento, mas não resistiu e, no final de seu discurso perante o Comitê Interino do FMI, tratou especificamente da dívida brasileira, quando esclareceu que o País não quer uma confrontação com os credores e busca apenas uma solução duradoura para o problema.